



**Fotojornalismo e ação cultural
em Curitiba**

Alberto Melo Viana

Fotojornalismo e ação cultural em Curitiba*

Photojournalism and cultural action in Curitiba

Alberto Melo Viana**

Resumo: *Aconteceu em Curitiba uma ação cultural, idealizada e coordenada por fotojornalistas, que desencadeou mudanças significativas nos modos de ver e de fazer fotografia na cidade, tanto no campo da produção, como, principalmente, no da linguagem. Várias dessas ações, tais como a Mostra de Fotojornalismo, a Semana de Fotografia e a Bienal Internacional de Fotografia, não mais existem. O artigo pretende analisar como se deram as relações entre o poder público, os fotógrafos – na condição de organizadores dos eventos – e a comunidade. Tomou-se como hipótese que a política cultural local e o marketing dos agentes públicos constituíram os principais responsáveis pela suspensão daquelas atividades, em certa medida já consagradas no cenário regional, analisando-se as importantes contribuições que esses eventos trouxeram para o fazer fotográfico na cidade.*

Palavras-chave: *Fotografia; fotojornalismo; ação cultural; Curitiba*

Abstract: *A cultural action that took place in Curitiba, designed and coordinated by photojournalists, yielded significant changes in the ways of seeing and doing photography in the city not only in the field of production but also, and chiefly, in terms of language. Many such actions, as the Photojournalism Exhibition, the Photography Week and the International Photography Biennial no longer exist. This article intends to analyze how the relationship between public administration, photographers – in the condition of organizers of these events – and community was built. The adopted hypothesis was that local cultural policy and marketing on the part of public agents were the main responsible for the suppression of those activities which were, to a certain degree already recognized locally. Their important contributions to the photographic practices in the city were focused.*

Key-words: *Photography; photojournalism; cultural action; Curitiba*

*O artigo é parte da dissertação *Fotojornalismo e ação cultural em Curitiba*, defendida em dezembro de 2009, na Universidade Tuiuti do Paraná, sob orientação da Profa. Dra. Kati Eliana Caetano.

**Jornalista, fotógrafo e produtor cultural. Mestre em Comunicação & Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. Email: betoviana51@yahoo.com.br.

Introdução

A partir de 1976, iniciou-se, em Curitiba, um processo de ação cultural efetivado por um grupo de fotojornalistas, liderados por Haraton Cezar Maravalhas, Américo Dias Vermelho e Alberto Melo Viana, que trabalhavam no jornal *O Estado do Paraná*, e João Urban, que trabalhava como fotógrafo de publicidade, mas mantinha uma produção pessoal na área documental. Este grupo, com a agregação da Arfoc – Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos realizou, em 29 de outubro de 1976, a *I Mostra de Fotojornalismo de Curitiba*.

A exposição contou com a presença de 12 fotógrafos: Américo Vermelho, Haraton Maravalhas e Alberto Melo Viana, do jornal *O Estado do Paraná*; Amilton Vieira, experiente fotógrafo que trabalhava na sucursal da Editora Abril; Antonio Fialla, da Assessoria de Imprensa do Governo do Estado; Carlos Alberto Sdroyewski, Edison Jansen, José Luiz Gevaerd e Mário Nunes Nascimento, do *Diário do Paraná*; Irmo Celso Vidor, de *O Estado do Paraná*; João Urban do Estúdio Fotográfico; e José Eugênio da Editora Abril.

Na época da ditadura militar, o surgimento deste evento foi um marco divisor da fotografia em Curitiba. A partir dele começou a se falar de linguagem fotográfica. “As mostras de fotojornalismo surgiram de uma necessidade de manifestação dos fotógrafos da cidade.”¹

Um fato curioso e importante dessa primeira mostra foi que a apresentação do catálogo trouxe um texto escrito pelo fotógrafo amador e estudioso da fotografia Francisco Betegga Filho, no qual falava de linguagem fotográfica. Pela primeira vez, em Curitiba, era publicado um texto, em um catálogo sobre fotojornalismo, que citava Cartier-Bresson: “‘Testemunhas do transitório’, diz Cartier-Bresson dos praticantes da fotografia.” (BETTEGA FILHO, 1976). E completava

¹ João Urban. Entrevista concedida – por e-mail – a Alberto Viana em julho de 2008.

falando: “nos reunimos aqui, hoje, para nos lembrarmos também de Jacques Henri Lartigue – na sua pureza, simplicidade e constância, um extraordinário documentarista”. (BETTEGA FILHO, 1976). Com essa iniciativa, os fotojornalistas estavam – talvez inconscientemente – plantando os frutos de uma ação cultural ligada à fotografia que perdura, de certa maneira, até os dias de hoje, não só na área do fotojornalismo, como também na da fotografia e da cultura.

Esta primeira mostra teve também um momento de tensão entre os fotojornalistas e a direção do órgão público municipal, a Fundação Cultural de Curitiba onde ela foi realizada, por causa da inclusão de uma fotografia de Mário Nunes. Américo Vermelho, um dos idealizadores do evento, conta que:

Era época de ditadura, quando a paranóia corria solta pelo país. Lembro de uma foto importante que, inclusive, ajudou a dar visibilidade à mostra. Uma das fotos do colega Mário Nunes, do *Diário do Paraná*, foi “convidada” a não fazer parte da exposição por mostrar uma pessoa sendo esbofetada por um policial dentro de uma delegacia. O argumento usado pela direção da Fundação Cultural de Curitiba, onde a mostra estava programada para ser exibida, era de que não ficava bem um órgão público mostrar uma cena violenta que aconteceu dentro de outro órgão público, uma Delegacia de Polícia.²

Na época, a cultura curitibana passava por um momento delicado de afirmação e os fotojornalistas estavam, de certa forma, entendendo os acontecimentos daquele ano, quando o país – ainda imerso na ditadura – apresentava problemas de identidade cultural. Com o evento, queriam marcar sua posição no meio cultural vigente. Ao conferir um sentido cultural e político a esta ação (HALL, 2006), os fotojornalistas começavam a construir uma identidade para a fotografia curitibana.

² Américo Vermelho. Entrevista concedida – por e-mail – a Alberto Viana em maio de 2008.

A exposição da fotografia de Mário Nunes constituiu um fato importante na luta contra a censura que imperava no país. Os organizadores foram firmes em seus propósitos: não concordaram com a retirada da fotografia da mostra e se contrapuseram à posição oficial.

[...] pois entendemos que isso era a mais pura e simples censura, coisa que as cabeças democráticas da época repudiavam. Daí criou-se o impasse. Ligamos para os colegas dos jornais, que publicaram a história e naquela semana foi o assunto que dominou a cena cultural e política da cidade, pois teve que envolver o Secretário de Cultura, o Prefeito e até o Governador. A foto acabou ficando na Mostra e, [...] essa tentativa de censura acabou ajudando na divulgação da exposição, o que nos possibilitou fazer outras nos anos seguintes, pois a partir dela os colegas fotógrafos entenderam a importância de uma atuação mais dinâmica e política em relação à profissão.³

Dois meses depois, a fotografia quase censurada ganhou o *Prêmio Esso Nacional de Fotografia* e, no ano seguinte, foi integrada ao cartaz da segunda mostra.

Essa ação cultural possibilitou alertar os gestores culturais para a importância de eventos daquela natureza. Nos anos seguintes, a mostra foi abrindo espaços para fotógrafos de outras áreas e chegou um momento, em 1986, que teve de se dividir. Durante a *Semana Nacional de Fotografia*, criou-se a *I Mostra de Fotografia Contemporânea*, que, infelizmente, aconteceu somente naquele ano. Esses encontros “foram um fator importante de consolidação do movimento fotográfico curitibano, que nasceu no fotojornalismo e se expandiu para outras vertentes da fotografia”.⁴

³ Américo Vermelho. Entrevista concedida – por e-mail – a Alberto Viana em maio de 2008.

⁴ João Urban. Entrevista concedida a Alberto Viana em julho de 2008.

Em sua quinta edição, em 1981, na ampla Sala de Exposições do Teatro Guaira, com a participação de 36 fotógrafos, já era um evento consolidado. Contando com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, a mostra trouxe em seu catálogo, um texto escrito pela jornalista Tereza Urban, em parceria com o irmão e fotógrafo João Urban. Nele, faziam algumas reflexões importantes sobre o debate cultural da fotografia:

Mais uma vez este fantástico universo de fatos, registrados durante o ano, é recenseado pelos autores do registro, os fotógrafos, na 5ª Mostra Coletiva de Fotojornalismo. Neste recenseamento, muito mais importante do que saber quantos somos, é o reconhecimento de que a mostra ocupa um espaço infinitamente maior do que o limite físico estabelecido pelo local de exposição. Representa a manutenção do debate constante, feito muitas vezes apenas através das imagens, sobre o papel da fotografia na informação. O direito do debate foi conquistado desde a primeira mostra, quando os fotógrafos se uniram na defesa da liberdade de informação, ao exigir a permanência das fotos de Mário Nunes, mostrando a violência policial sem nenhum retoque. Brigando por este direito num tempo de abertura democrática era menos que um projeto: os fotógrafos conquistaram um espaço que a partir daí só poderia ser ampliado. (URBAN; URBAN, 1981, p.2).

A partir daí, de fato, a Mostra foi realizada anualmente até o início dos anos 90 e depois passou a acontecer esporadicamente. Esta ação cultural motivou o surgimento de novos movimentos fotográficos na cidade, que culminaram com a realização de outros eventos culturais ligados à fotografia.

Os Encontros Nacionais de Fotografia

Paralelo ao que acontecia em Curitiba, em 1978 foi realizado *I Encontro de Fotografia de Campos de Jordão* (SP), organizado por Stefania Brill⁵ (1922-1992). Temas importantes, como linguagem fotográfica, foram discutidos. A organizadora

Buscava um maior intercâmbio com os principais centros fotográficos do País e do Exterior. Do temário apresentado destacamos: Desenvolvimento da pesquisa fotográfica na América Latina (Boris Kossoy); A fotografia e as Artes Gráficas (Leônidas Bisppo de Andrade); Fotojornalismo (Jairo Casoy); Profissão fotógrafa (Stefania Brill); Hércules Florence (Boris Kossoy); A fotografia como forma de expressão não profissional (Maurício Segall); Debate: o retrato (com a participação de vários fotógrafos). (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p.132).

Nota-se que a linguagem fotográfica foi privilegiada na programação. O fotojornalismo também foi lembrado pela organização do evento. Uma nova edição deste encontro aconteceu no ano seguinte. Mesmo tendo durado somente duas edições, este evento foi o primeiro de uma série de outros, realizados tanto pelo poder público, como pela iniciativa privada, no decorrer dos anos 80 e 90.

⁵ Stefania Brill foi fotógrafa e crítica de fotografia. Escreveu para o jornal *O Estado de S. Paulo* e para a extinta revista de fotografia *Íris*. Dirigiu a Casa de Fotografia Fuji, onde implantou uma galeria de fotografias.

Instituto Nacional de Fotografia e as Semanas Nacionais

A partir de 1975, com o surgimento da Fundação Nacional de Arte (Funarte), num momento em que o país ensaiava um processo de abertura política, a Funarte tomava “para si a responsabilidade de planejar, coordenar e supervisionar a execução de atividades de estímulo às manifestações culturais do País”. (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p.82).

Foi neste contexto que nasceu no Rio de Janeiro, em 1979, o *Núcleo de Fotografia*, sob a coordenação do fotógrafo carioca Zeka Araújo, que ficou no cargo até 1982. Seu projeto de criação previa, inicialmente, a implantação de uma galeria exclusiva para fotografia e um trabalho paralelo “com as seguintes vertentes: exposições itinerantes, mapeamento de acervos, fotógrafos atuantes no País, formação do fotógrafo, além do investimento na produção de livros, catálogos, postais / posters de fotografia”. (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p.82).

O *Núcleo* deu início a um processo de conhecimento da fotografia brasileira e passou a ser um ponto de referência. Abriu suas portas para um grande número de fotógrafos e propiciou a abertura de novos espaços e a “reformulação de um ideário estético que, por tradição, expunha somente as manifestações artísticas consagradas”. (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p.83). Em maio de 1984, foi transformado em *Instituto Nacional de Fotografia (INFoto)*, tendo como primeiro diretor o fotógrafo e historiador carioca Pedro Karp Vasquez.

A criação do INFoto não foi aleatória, porque nasceu realmente de um trabalho que vinha sendo desenvolvido há muitos anos. Evoluiu da Galeria de Fotografia da Funarte para o Núcleo de Fotografia e deste para o INFoto. Não foi algo que foi decidido

repentinamente por dois tecnocratas, como já aconteceu várias vezes no Brasil – criar algo sobre o vazio, sem nenhuma base ou linha de atuação previstas. O *INFoto* não. Ele se tornou uma necessidade; nós chegamos ao ponto em que era preciso fazer a transição da adolescência para a maturidade. Essa evolução partiu de um crescimento interno que gerou uma enorme diversificação do trabalho e de uma demanda da própria fotografia. (VASQUEZ *apud* PAIVA, 1989, p.136).

Com a criação do *INFoto*, a fotografia brasileira começou a se fazer conhecida. Várias exposições com imagens de fotógrafos fora do eixo Rio/SãoPaulo foram realizadas na *Galeria de Fotografia Funarte*, mas ainda com âmbito de divulgação restrito, pois eram realizadas na sede da entidade, no Rio de Janeiro. No mesmo local, houve mostras coletivas temáticas de abrangência nacional e nos anos seguintes cerificou-se uma reformulação do conceito de curadoria em que mostras individuais apontarão para a pesquisa de linguagem, incorporando questões mais amplas do universo das artes visuais. (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p.84).

Entretanto, a fotografia e os fotógrafos brasileiros queriam mais, precisavam de mais. Começou então o projeto das *Semanas Nacionais de Fotografia*, eventos itinerantes anuais, montados originalmente para atender as cinco regiões do Brasil. A primeira foi realizada em 1982, no Rio de Janeiro. Na sequência, passou a atender todas as regiões, com realizações em Brasília, Fortaleza, Belém, Curitiba e Ouro Preto. O projeto ultrapassou sua previsão inicial e foi realizado até 1989, em Campinas. Totalizou oito edições e só cessou quando do fechamento da Funarte, em 1990, pelo então presidente Fernando Collor de Melo.

As *Semanas* foram uma grande “escola de fotografia”, formando jovens fotojornalistas, que criaram no país uma espécie de *novo fotojornalismo*, a partir do jornal *Folha de S. Paulo*, em meados dos anos 80. Segundo Pedro Karp Vasquez:

As *Semanas* tiveram, graças a Deus, uma importância fundamental para toda uma geração de fotógrafos, não só no âmbito do fotojornalismo como também em diversos outros setores. Para nós, que estivemos envolvidos na produção das *Semanas* (coordenadas por Nadja Peregrino e Ângela Magalhães), é sempre uma grande satisfação a constatação de que dezenas de fotógrafos mencionam em seus currículos que participaram de um *workshop* ou de uma leitura de portfólio pela primeira vez numa das *Semanas Nacionais de Fotografia do INFoto*. Vale lembrar que elas permanecem sendo *sui generis* no âmbito dos festivais e dos encontros de fotografia no mundo inteiro, pelo fato de serem itinerantes, sendo realizadas a cada ano num estado diferente, ao passo que os demais eventos são sempre atrelados a uma única cidade. A exceção internacional constituída pelos *Colóquios Latino-Americanos de Fotografia* (criados por Pedro Meyer, no México, em 1978), que também ambicionavam a itinerância pelos diferentes países da América Latina. Ambos os eventos sucumbiram às agruras da latinidade, porém deixaram grandes lembranças e um saldo positivo.⁶

Assim como os *Encontros de Campos do Jordão*, coordenados por Stefania Brill, as *Semanas do INFoto* tiveram influência francesa em sua elaboração.

É interessante lembrar um fato curioso: minha fonte de inspiração para as *Semanas* foram as *Reencontres Internationales de La Photographie*, criadas por Lucien Clergue, em Arles (França), na década de 70, como sempre fiz questão de ressaltar para reverenciar esse que foi o grande iniciador dos encontros de fotógrafos. Quando eu era estudante em Paris, participei das edições de 1976 e 1977, transplantando a idéia para o Brasil, assim que entrei para a Funarte, em 1982. Significativamente, Stefania Brill, a primeira pessoa a promover encontros de fotógrafos no Brasil, com os *Encontros de Campos do Jordão*, também foi inspirada pelo exemplo de Lucien Clergue, como ela própria me relatou certa vez.⁷

⁶ Pedro Karp Vasquez. Entrevista concedida – por e-mail – a Alberto Viana em dezembro de 2008.

⁷ Pedro Karp Vasquez. Entrevista concedida – por e-mail – a Alberto Viana em dezembro de 2008.

A cidade de Curitiba foi contemplada, em 1982, com a sede da Coordenadoria Regional da Funarte para a região sul. Com isso, ganhou o privilégio de sediar alguns eventos como a *1ª Fotosul* e a *V Semana Nacional de Fotografia*.

A Funarte em Curitiba e a mostra Fotosul

Paralelo às *Semanas* e, antes da criação do *INFoto*, a Funarte realizou, a partir de 1983, uma série de mostras coletivas, acompanhadas de catálogos impressos, com fotógrafos das outras regiões do país. Ao escritório de Curitiba coube a organização da mostra relacionada com a produção fotográfica do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Devido à forte presença de imigrantes nesses estados, resolveu-se que o tema da mostra seria a imigração, como explica a então diretora-executiva da Funarte, Maria Edméa Saldanha de Arruda Falcão (1983, p.3), na apresentação do Catálogo.

É neste quadro que se insere a *1ª Fotosul*. [...] ela está articulada a uma série de mostras regionais cunhadas pelo mesmo espírito: o de revelar as produções regionais e subsidiar a política nacional de fotografia... Ao se voltar para o tema *A Presença do Imigrante na Região Sul*, esta mostra constituiu um inventário fotográfico expressivo, ainda mais por ser contemporâneo, sobre a imigração nesses Estados.

A ideia da Funarte, naquele momento, foi promover uma integração entre os fotógrafos, permitindo o conhecimento e o reconhecimento da produção local, além, evidentemente, de proporcionar um avanço na produção fotográfica da região.

Acreditamos que a *1ª FotoSul* – que poderá servir à integração das produções fotográficas dos Estados envolvidos e destes com

o resto do Brasil, através do intercâmbio, seja no plano da linguagem, seja no plano da articulação dos fotógrafos – tenha aberto, de forma mais sistemática, o diálogo entre o Núcleo de Fotografia da Funarte e o produtor desta área de expressão emergente no cenário nacional das manifestações artísticas. (FALCÃO, 1983, p.3).

Esta emergência já tinha um polo em Curitiba, decorrente das *Mostras de Fotojornalismo* e das muitas reuniões para organização da categoria, seja no âmbito do fotojornalismo, através da Arfoc, ou da fotografia de expressão pessoal, com uma série de propostas como a da criação de uma *Casa da Fotografia*, ligada à Fundação Cultural de Curitiba.

Como a mostra *FotoSul* foi coletiva e aberta, havia um critério de seleção: cada candidato apresentou quatro fotografias, julgadas por uma comissão formada pelos fotógrafos João Urban (Paraná), Leonid Streliaev (Rio Grande do Sul), Fernando Silveira (Santa Catarina), pelo coordenador regional da Funarte, Domício Pedroso e por Evandro Ouriques, representante do Núcleo de Fotografia da Funarte.

Logo após examinarmos o conjunto das fotografias enviadas [...] mais de quinhentas... constatamos estar diante de um significativo inventário contemporâneo sobre a imigração na Região Sul. Seja em termos fotográficos, seja em termos documentais [...]. Assim, foram eliminadas fotografias de profissionais e amadores com o sentido de aprimoramento da produção [...]. Sempre que possível procurou-se manter o conjunto das quatro fotografias enviadas por cada fotógrafo [...], mas foram várias as situações em que isto não foi possível [...]. Neste catálogo, para o qual a comissão editou as fotografias, todos os fotógrafos selecionados estão presentes. (FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES, 1983, p.8).

A Comissão passou três dias trabalhando em Curitiba. Foi a primeira vez que um evento desta natureza aconteceu na cidade, criando grande expectativa no meio fotográfico, principalmente para

os que iriam participar da mostra. Uma fotógrafa, inclusive, indignada com a não-aceitação de três de suas quatro fotografias, rasgou-as na presença do coordenador regional da Funarte e da comissão de seleção, justificando que seu trabalho era um conjunto, que não poderia ser desmembrado.

Essa ação cultural movimentou a cidade e trouxe benefícios para a área. Muitos aprenderam, por exemplo, como organizar e montar uma mostra fotográfica, como editar um catálogo de exposição de fotografias ou como montar seu portfólio. Segundo João Urban:

Essa mostra já foi uma primeira consequência da expressão que o Movimento Fotográfico Curitibano começava alcançar, com as *Mostras de Fotojornalismo* e outras manifestações, em âmbito nacional. A Funarte, através do Núcleo de Fotografia, criado e coordenado pelo Zequinha Araújo, vinha fazendo uma varredura e acabou detectando nosso pessoal, assim como a turma de Porto Alegre, Fortaleza e Belém. Passamos a ser um dos pólos da fotografia brasileira, extra Rio-São Paulo. A minha participação nesse evento foi como parte desse coletivo curitibano.⁸

A *Semana Nacional* em Curitiba

Em 1983, alguns fotógrafos curitibanos participaram da *Semana Nacional da Fotografia*, realizada pelo INFoto em Fortaleza. Voltaram com a firme convicção de que Curitiba deveria sediar o evento maior da fotografia brasileira. No ano seguinte, os fotógrafos João Urban e Alberto Melo Viana foram a Belém, para a *IV Semana*, como participantes e observadores, já sabendo que a *V Semana* seria realizada em Curitiba, em agosto de 1986. O objetivo era os fotógrafos da cidade constituíssem uma comissão oficial para atuar junto à equipe do evento, que seria

⁸ João Urban. Entrevista concedida – por e-mail – a Alberto Viana em julho de 2008.

realizado em colaboração entre o escritório da Funarte de Curitiba e o INFoto. Entretanto, essa ideia não prosperou e o evento aconteceu nos moldes dos anteriores. Mesmo assim, a comunidade fotográfica se engajou no projeto, afinal, era a grande oportunidade de mostrar para o Brasil sua capacidade de articulação e de produção.

Minha participação na Semana do INFoto, realizada em Curitiba, além de pequena assessoria, absolutamente informal, foi de ‘anfitriagem’ e uma grande camaradagem com os convidados, tudo informal; tratei de conseguir lugar para que se hospedassem, transporte quem eu pude de um lugar para o outro, tudo dentro de um espírito de amizade e uma espécie de “euforia-fotográfica” que dominou a cena da fotografia na cidade.⁹

Após quatro edições, a *Semana Nacional de Fotografia* já era, sem dúvida, o principal evento de ação cultural ligado à fotografia no Brasil, o ponto de encontro por excelência dos fotógrafos brasileiros. Depois de percorrer cidades das outras quatro regiões do país, aportou em Curitiba, fechando seu ciclo de regionalidade. Trouxe novas ideias para as próximas edições, como a abertura de espaços para novas propostas. Na apresentação do catálogo do evento da Funarte, as organizadoras Ângela Magalhães e Nadja Peregrino colocam que:

Neste ano, após a longa trajetória da Semana, é possível e oportuno propor algumas questões para a realização dos próximos encontros. O que nos parece prioritário ressaltar é o aspecto de sua periodicidade, para a qual sugerimos um caráter bienal, abrindo espaços para a realização de *Semanas de Fotografia* regionais e/ou estaduais e, ainda, para oficinas de trabalho em nível nacional. Assim, ao invés de um único fórum de debates, teríamos várias atividades descentralizadas, que possibilitarão uma maior participação da comunidade fotográfica... Isto é possível afirmar em decorrência dos resultados positivos obtidos em trabalhos desse gênero,

⁹ João Urban. Entrevista concedida – por e-mail – a Alberto Viana em julho de 2008.

incentivados por outras instituições pelo país a fora. Desse modo será possível dar maior incremento às atividades das associações e demais entidades representativas da categoria fotográfica, parceiras naturais para a concretização dessa proposta. (MAGALHÃES; PEREGRINO, 1986, p.3).

A *V Semana da Fotografia* ocupou todos os espaços culturais de Curitiba e contou, em sua programação, com oficinas, palestras, conferências, leituras de portfólio e exposições. Em entrevista, ao fotógrafo, colecionador e pesquisador Joaquim Paiva, para seu livro *Olhares refletidos*, a fotógrafa carioca Ana Regina Nogueira diz que:

Nunca tinha estado num grupo de fotógrafos aqui no Brasil. A *V Semana Nacional de Fotografia*, em Curitiba, em 1986, foi uma paixão. Conheci muita gente. As pessoas tiveram uma reação muito bonita com respeito ao meu portfólio. Foi fantástico. De repente, senti uma coisa que nunca tinha sentido. Antes eu trabalhava de forma solitária. Atualmente, estou me sentindo integrado e participante, vivendo junto com essa onda de criatividade que está acontecendo agora no Brasil. Mudou muito nesses cinco anos, para melhor... As pessoas tomaram consciência do valor da fotografia. Os fotógrafos passaram a ter consciência do seu próprio valor e da sua própria busca... O dinamismo da fotografia hoje em dia no Brasil é algo que ficou claro nessa minha passagem por Curitiba. (NOGUEIRA *apud* PAIVA, 1989, p.140).

A *Semana Nacional*, em Curitiba, concretizou-se como marco divisor para a fotografia na cidade, processo iniciado anteriormente com as *Mostras de Fotojornalismo*, tanto na questão da linguagem, quanto na de produção. Foi o passo definitivo para que se abrissem novos espaços, com as realizações, em seguida, das *Semanas de Curitiba* e da *Bienal Internacional*. Estas ações não tiveram continuidade, no entanto deixaram muitos frutos: o ensino da fotografia foi ampliado; surgiram cursos de pós-graduação na área; núcleos de pesquisa foram abertos e os fotógrafos passaram a encarar seu trabalho com parâmetros “mais profissionais”.

O cargo de diretor do *INFoto* era político. Quando José Sarney assumiu o governo federal, em 1985, Pedro Karp Vasquez foi substituído pelo fotógrafo Walter Firmo. Isso ocorreu entre a *Semana Nacional de Belém*, em agosto de 1985, e a de Curitiba, no ano seguinte. Com a nova direção, o Instituto realizou a *VI Semana de Ouro Preto*, em 1987, que contou com a presença de mais de 600 fotógrafos. Com tamanha magnitude, deixava transparecer que o projeto continuaria cada vez mais forte.

Porém, com a inflação em alta e as finanças do governo comprometidas, as verbas foram diminuindo e afetando, como sempre, a área da cultura. Apesar dessa conjuntura, o *INFoto* realizou um *Encontro de Organizadores de Eventos de Fotografia*, em Paty do Alferes (RJ), em 1988, que contou com participantes de todo o Brasil, inclusive uma comitiva de Curitiba; a *VII Semana*, no Rio de Janeiro, e a última *Semana Nacional*, em 1989, em Campinas.

No ano seguinte, o governo do presidente Fernando Collor implantou uma pretensa “reforma cultural”. Sem nenhum critério ou reflexão, impôs o fechamento da Funarte e, conseqüentemente, do *Instituto Nacional de Fotografia*. Era o fim de uma das fases mais importantes da história da fotografia brasileira.

Encontros de Fotojornalismo

O ano de 1989 foi marcado pela organização e realização, em Curitiba, do *VII Encontro Nacional de Fotojornalismo*, evento anual itinerante, organizado pela Associação de Repórteres Fotográficos e Cinematográficos (ARFOC). No ano anterior, 1988, uma grande comitiva de fotógrafos do Paraná, havia participado do encontro em Salvador, e conseguiu levá-lo para Curitiba, com uma mudança no nome e no contexto de sua pauta.

O mundo vivia um processo de mudanças significativas, iniciadas no começo dos anos 80, e o fotojornalismo estava engajado neste

contexto. “1989 seria o ano de referência no que diz respeito às mudanças sociocivilizacionais registradas no mundo”. (SOUSA, 2000, p.198). O fotojornalismo começou a vivenciar a crise anunciada por vários autores e profissionais. Alguns acreditavam que a crise seria um fenômeno passageiro e de adaptação ao novo momento que o mundo e o campo da comunicação iniciavam, principalmente em razão dos avanços tecnológicos:

Pode falar-se da existência de uma crise no fotojornalismo, mas por outro lado, essa hipotética crise pode apenas corresponder a uma adaptação. Mesmo que tal venha a significar um empobrecimento dos conteúdos, a tendência do mercado é transformar o fotojornalismo numa indústria. (SOUSA, 2000, p.203).

Foi neste cenário que a representação nacional dos fotojornalistas reunida em Salvador, de 11 a 14 de agosto de 1988, realizou o *VI Encontro Nacional dos Repórteres Fotográficos* com visão mais abrangente e não para tratar apenas das questões inerentes à categoria profissional, como era habitual neste tipo de evento. Os profissionais começaram a se preocupar, por exemplo, com a formação dos novos fotojornalistas. Ainda que a maioria das discussões e resoluções fosse a respeito de: 1. Regulamentação para concessão de registro profissional; 2. Direito autoral e, 3. Mercado de trabalho apareceu, pela primeira vez na pauta, o item ensino, uma nítida preocupação com a formação educacional dos profissionais, como atesta a seguinte proposta, registrada nos Anais do evento:

Que todas as nossas entidades representativas, incluindo ARFOCs, Sindicatos e FENAJ¹⁰, elaborem projetos, de preferência com universidades públicas e gratuitas, visando ao oferecimento de cursos livres de extensão em regime parcelado, para a atualização e treinamento de repórteres fotográficos [...]. Que os

¹⁰ Federação Nacional dos Jornalistas.

Sindicatos realizem seminários e oficinas, no sentido de nivelar o conhecimento geral dos profissionais da área e servir como formação para candidatos ao registro profissional de jornalista na categoria repórter fotográfico [...]. Solicitar ao *INFoto* a inclusão de uma oficina de fotojornalismo nas Semanas Nacionais de Fotografia. (ENCONTRO NACIONAL DOS REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS, 1988).

No entanto, mesmo com avanços em muitos pontos, a categoria ainda mantinha propostas retrógradas e contraditórias, como pedir que, em parceria com a FENAJ, “se insista junto às instituições universitárias para que os titulares da cadeira de Fotojornalismo tenham comprovado conhecimento prático da matéria, sem necessidade de graduação de nível superior”. (ENCONTRO NACIONAL DOS REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS, 1988).

Ao final do evento, foi aprovada a proposta da delegação do Paraná de sediar o próximo encontro, a ser realizado em Curitiba. Foi aprovada, também, a mudança na denominação do encontro para *VII Encontro Nacional de Fotojornalismo* para que, paralelamente às discussões, sejam oferecidas oficinas com profissionais comprovadamente capazes.

O Encontro de Fotojornalismo em Curitiba

De 21 a 24 de setembro de 1989 foi, finalmente, realizado o *Encontro de Fotojornalismo de Curitiba*, com participantes de quase todos os estados. Além das questões profissionais, o evento, organizado pela Arfoc/PR, incluiu na programação palestras sobre as funções e as condições de trabalho do repórter fotográfico.

A Abertura do evento aconteceu no Plenário da Câmara de Vereadores de Curitiba e contou, além dos discursos de praxe, com a palestra *A fotografia e as eleições presidenciais*, ministrada pelo

fotógrafo e professor Ivan Lima, do Rio de Janeiro. No dia 22, o fotojornalista João Bittar, de São Paulo, proferiu a palestra *Agência independente de fotografia*, e o fotógrafo e antropólogo visual Milton Guran, do Rio de Janeiro, ministrou a palestra *História do fotojornalismo*. Como aquele era um momento delicado para a categoria, devido a uma série de mudanças que começava a acontecer, como a entrada da tecnologia digital, o *Encontro*, em suas sessões plenárias, foi palco de muitas discussões e deliberações importantes para o fotojornalismo. A programação oficial previa que o evento teria a sua última sessão plenária no dia 23 de setembro, às 17 horas, com encerramento às 20 horas, seguido de jantar de confraternização. Porém, as discussões se prolongaram e tiveram que ser adiadas para o dia seguinte.

No dia 23, foram encerrados os trabalhos dos grupos e realizada uma reunião dos relatores com os componentes da mesa, na tentativa de se elaborar um relatório geral para discussão na plenária final: não houve acordo devido à complexidade dos relatórios dos grupos. Para não correr risco de prejuízo do que foi discutido, decidiu-se discutir na plenária ponto por ponto dos relatórios. Não deu tempo de se discutir e deliberar sobre os pontos dos relatórios, como estava previsto no dia 23 e, a plenária final foi realizada no domingo, dia 24, sem interrupção das 9 às 19 horas, na sede do Sindicato dos Jornalistas. (ENCONTRO NACIONAL DE FOTOJORNALISMO, 1989).

Entre os assuntos em pauta, destacaram-se a Regulamentação da Profissão; Mercado de Trabalho e Ética Profissional e, entre os assuntos gerais foi “aprovada a proposta assinada por Fernanda Castro (PR), Milton Guran (RJ), Alberto Viana (PR), Ivan Lima (RJ), Zeca Linhares (RJ) e Vitor Nogueira (ES) sobre a revisão do ensino do fotojornalismo nos cursos de Comunicação Social”. (ENCONTRO NACIONAL DE FOTOJORNALISMO, 1989).

Os fotojornalistas estavam assumindo uma posição oficial, por meio de seu fórum competente, pela inclusão da disciplina de

Fotojornalismo nos cursos de comunicação em todo o país. Conseguir aprovar uma proposta desta natureza na plenária foi uma grande vitória para a categoria, pelas mudanças sociais e tecnológicas que o mundo vivia naquele momento. Entretanto, outras mudanças eram necessárias:

Os nossos encontros nacionais devem também, aos poucos, sofrer modificações. Eu acho que esse já deu um passo positivo [...] quando o encontro me convida para fazer uma palestra para estudantes de comunicação, sobre a trajetória do fotojornalismo, eu acho que é um ganho cultural... Nos últimos dez anos, nós vimos acontecer, atropeladamente, a briga pelo direito autoral e tabela de preços mínimos... O direito patrimonial virou um contrato padrão da FENAJ, impresso, distribuído... Existe, então, o contrato de licença de publicação, para substituir o contrato de cessão definitiva... A tabela de preços mínimos dá condições ao fotógrafo deixar de ser bóia-fria para ser um *free-lancer*, aquele que atua independentemente no mercado, e isso já está incorporado em muitos acordos coletivos de trabalho. (GURAN, 1990, p.13).

Com isso, pequenas modificações foram incorporadas ao fotojornalismo:

Nós vimos a classe média e intelectualizada entrar atuamente no fotojornalismo, não só com diploma de curso superior, mas com uma cultura geral. Vimos o fotojornalista se transformar na vanguarda de uma reivindicação da categoria de jornalistas como um todo, a ponto de incomodar. Nós criamos uma estrutura nacional para nós. Nenhum outro segmento da categoria tem essas conquistas. Nós temos Comissão de Repórteres Fotográficos nos sindicatos, temos uma executiva nacional, temos o nosso encontro nacional. Tudo isso aconteceu em 10 anos [...]. Nós temos uma coisa importantíssima: a fotografia passou a ser disciplina obrigatória nos cursos de comunicação. (GURAN, 1990, p.13).

Assim, o movimento fotográfico curitibano, sempre ligado aos fotojornalistas, marcava mais um ponto positivo com a coordenação deste

encontro, principalmente por suas decisões, como a elaborada e homologada, pelo grupo de Ética Profissional, sobre questões discutidas até hoje.

Dez anos depois, em 1998, em seu *XV Encontro Nacional*, os fotojornalistas discutiram e reivindicaram uma regulamentação das questões relativas às práticas da manipulação digital das imagens jornalísticas. De certa forma, as preocupações pareciam ser as mesmas de sempre. Ficou claro que, desde seus primórdios, a categoria carregava problemas a ser resolvidos. Neste evento, realizado no Rio de Janeiro, eles ainda viam com certo romantismo a fotografia digital, que, ainda não sabiam, chegaria para ficar e melhorar suas condições de trabalho. Era o momento de uma nova crise anunciada:

As novas possibilidades de obtenção e tratamento de imagens por tecnologia digital representam uma revolução na utilização da imagem pela mídia impressa. Ao lado das indiscutíveis vantagens operacionais advindas desta nova tecnologia, alguns problemas cruciais se apresentam a partir da própria facilidade de manipulação indiscriminada da informação visual. A manipulação de fotografias por procedimento digital é uma prática cada vez mais comum na mídia impressa, acarretando sérios prejuízos para a qualidade da informação e, conseqüentemente, para a credibilidade da imprensa. (ASSOCIAÇÃO *apud* GURAN, 2002, p.82).

Esta constatação reflete as discussões levadas a efeito a partir da comunicação *A imagem, o mercado e a ética*, feita por Milton Guran, que participou do evento numa mesa-redonda composta por Katia Gil, jornalista e coordenadora do escritório da *Federação Internacional de Jornalistas* (FIJ), na Venezuela, Joe Traver, diretor da *Associação Americana de Fotojornalismo* (NPPA), e Henrique Gandelman, advogado especialista em direito autoral, sob a mediação do repórter fotográfico Adalberto Diniz, diretor da FENAJ.

Semana de Fotografia – Cidade de Curitiba

Com a extinção da Funarte e, conseqüentemente, do Instituto Nacional de Fotografia, no início de 1990, acabaram-se as *Semanas Nacionais*. Com o vazio que ficou no meio fotográfico nacional, Curitiba, que já tinha um movimento forte ligado à fotografia, por meio de sua Fundação Cultural, retomou o projeto das *Semanas*, nos mesmos moldes e realizou a sua *Semana de Fotografia*, em junho de 1991.

Idealizador e coordenador da Semana, Alberto Melo Viana, 39 anos, baiano de Vitória da Conquista, e curitibano por irreversível opção, declara solenemente: ‘a Semana de Fotografia – Cidade de Curitiba’ se reveste de vital importância no panorama cultural do País, em virtude da interação que irá promover [...]. Este é o nosso principal objetivo. Nós, da fotografia, não queremos perder o espaço que foi conquistado com muita luta. (BRAND, 1991).

A coordenação do evento conseguiu que a Fundação Cultural trouxesse para Curitiba, os principais nomes da fotografia para exposições, palestras, oficinas e leituras de portfólio. Entre eles: Boris Kossoy, Milton Guran, Luis Humberto, Alair Gomes, Paulo Klein, Antonio Saggese, Ana Regina Nogueira, Zeca Linhares, Claudio Feijó, Emidio Luisi, Miguel Chikaoka, Juvenal Pereira, Nair Benedito, Rubens Fernandes Júnior, João Sócrates, José Albano, Fausto Chermont, Iatã Canabrava, José Lunazzi e Ed Vigiani. Para escrever a apresentação do catálogo foi convidado o fotógrafo, historiador e pesquisador Pedro Karp Vasquez, que prestava consultoria num projeto de fotografia da Fundação Cultural e, claro, pelo reconhecimento de seu trabalho junto ao Instituto Nacional de Fotografia. O evento, de caráter nacional, resgatou a auto-estima dos fotógrafos brasileiros, abalada com o fechamento da Funarte:

A realização desta *Semana de Fotografia*, em Curitiba, reveste-se de especial importância. Em primeiro lugar, porque o terreno é particularmente fértil, visto que Curitiba é uma das cidades culturalmente mais ativas do país, com significativo núcleo de

produção fotográfica... Este evento inscreve-se na correta perspectiva de fortalecimento dos pólos regionais de cultura, única alternativa viável para um país com a magnitude de nossos problemas e a amplitude de nosso território. O caráter nacional desta Semana ilustra o acerto da política da Fundação Cultural de Curitiba em fortalecer a cultura local não através de um oásis cultural, que teria seu brilho ampliado pelo contraste com a aridez circundante. Mas, ao contrário, por abrir suas portas para o resto do país, contribuindo assim para transmutar gradativamente este deserto em jardim. (VASQUEZ, 1991).

O evento reuniu fotógrafos profissionais e amadores do Brasil e alguns países da América Latina, e foi o ponto de partida para vários outros que aconteceram – e ainda acontecem – até os dias atuais.

Outro fato importante foi que o evento demonstrou aos administradores culturais públicos ou privados uma grande oportunidade de fazer *marketing cultural*, termo ainda pouco conhecido à época. Todos os jornais da cidade noticiaram, com muita ênfase, o acontecimento. Com o título “Sucesso total da Semana de Fotografia Cidade de Curitiba” o jornal *Gazeta do Povo*, o de maior circulação na cidade, assim o noticiava, em sua edição de 20 de junho de 1991:

A Semana de Fotografia Cidade de Curitiba foi seguramente o evento mais importante do ano, na área da fotografia, no Brasil. A afirmação é do fotógrafo Alberto Viana, o coordenador do evento, que conseguiu reunir os ‘papas’ da fotografia brasileira e mais 220 participantes vindos de todas as partes do país... Os participantes tiveram a oportunidade de escolher cursos que abordavam todos os aspectos da fotografia, desde questões meramente técnicas até sobre análise de conteúdo [...]. Júlio Covello, fotógrafo curitibano, considerou o evento ‘sensacional’. ‘Passei a limpo tudo o que sabia sobre estúdio, iluminação, retrato. Preenchi lacunas do meu trabalho através do contato com gente inteligente e, o mais importante, fiz fotos maravilhosas’, diz ele.

Alberto Viana ressaltou ainda que o sucesso da Semana de Fotografia abre as portas para a implantação de um importante projeto: a criação da Casa da Fotografia, que funcionaria em uma das unidades da Fundação Cultural de Curitiba. Esta unidade teria

uma sala de exposições com todas as normas técnicas especiais para fotografia, uma biblioteca especializada, uma fototeca, e cuidaria de todos os projetos ligados a esta arte. (SUCESSO..., 1991, p.25).

Com as mudanças de governo no Paraná, o projeto da Casa da Fotografia se transformou no Museu da Fotografia, hoje limitado a apenas uma sala de exposições, sem as condições técnicas mínimas necessárias, localizada no prédio do Solar do Barão, vinculado à Fundação Cultural de Curitiba. Estas mudanças também afetaram o projeto da *Semana* que chegou a ser realizada até a quarta edição, mudando depois para *Bienal Internacional da Fotografia*, que também deixou de acontecer por questões da política cultural implantada por novos governos.

As duas primeiras *Semanas* foram realizadas na gestão do prefeito Jaime Lerner, tendo como presidente da Fundação Cultural a jornalista Lúcia Camargo; a partir da terceira edição, já sem a presença de seu criador, Alberto Viana, o prefeito era Rafael Greca de Macedo e houve mudanças no organograma da Fundação, com a criação de uma diretoria de Artes Visuais, para a qual foi convidado o fotógrafo Orlando Azevedo, que passou a coordenar a *Semana de Fotografia*, transformando-a em *Bienal*.

O fotógrafo curitibano João Urban, que participou ativamente de todo esse processo de ação cultural, em entrevista ao autor deste trabalho, conta que:

A primeira *Semana de Fotografia – Cidade de Curitiba*, se bem me recordo, foi uma criação tua (me corrija se estiver errado). Era a segunda “semana” que acontecia na cidade; várias outras já haviam ocorrido em outros lugares do Brasil. Era uma prática que, com todos os erros que possam ter ocorrido, foi extremamente saudável para a cultura fotográfica brasileira. Paralelamente, elas demonstraram um grande potencial de marketing urbano, mormente numa cidade com uma administração muito voltada para isso. A *Semana*, que você organizou, demonstrou aos administradores da Fundação Cultural, esse potencial, para eles mais importante que a saúde cultural que ela trouxe. Na terceira ‘semana’, a organização mudou de mando e fui convidado, também

informalmente, para colaborar na elaboração da pauta. Passei, à organização, toda minha agenda, fiz contatos telefônicos com meus amigos fotógrafos do Brasil inteiro e assim como, informalmente, fui convidado a colaborar, fui também sumariamente demitido, quando discordei dos cortes feitos ao pessoal de Curitiba, assim como dos cortes aos amigos com os quais eu havia feito contatos e, mesmo daqueles que eu havia, dentro de minhas “atribuições”, convidado para fazer exposições, palestras e oficinas. A minha “demissão” fazia parte de um processo de afastamento do pessoal das antigas semanas, como também, da comunidade fotográfica curitibana. Nos eventos seguintes, transformados em ‘Internacionais’ e ‘Bienais’, esse comportamento recrudescceu, o que interessava eram os grandes nomes, os curadores internacionais, enfim quem pudesse levar impressões interessantes ao marketing oficial da cidade para a comunidade internacional da fotografia. Com a “mudança de mando” na prefeitura, esse comportamento culminou com a transformação da “Bienal” em ‘Imagética’ encerrando assim o ciclo inicialmente tão saudável das *Semanas de Fotografia*. O saldo que os organizadores das bienais deixaram para a cidade, bem ou mal, foi uma importante coleção de fotografia contemporânea doada pelos expositores para um Museu da Fotografia da Cidade de Curitiba, que não chegou a se concretizar, e que estão sob a guarda da Casa da Memória.¹¹

A partir deste momento, as iniciativas de ação cultural ligadas à fotografia, em Curitiba, passaram a ser realizadas por pessoas independentes ou por empresas. “Neste período, de certa forma, obscuro para nossa fotografia, não podemos esquecer o abrigo que o ‘Espaço Beto Batata’¹² deu a ela, organizando exposições e imprimindo catálogos no formato de pequenos álbuns de cartões postais.”¹³ É preciso salientar, também, o importante trabalho realizado pelo *Núcleo de Estudos de Fotografia*, liderado pela fotógrafa Milla Jung, principalmente, no estudo da linguagem e história da fotografia documental.

¹¹ João Urban. Entrevista concedida – por e-mail – a Alberto Viana em julho de 2008.

¹² Bar e restaurante da cidade de Curitiba, com espaço para exposições.

¹³ João Urban. Entrevista concedida – por e-mail – a Alberto Viana em julho de 2008.

Considerações finais

É importante considerar uma questão nos eventos organizados pelos fotojornalistas: em nenhuma dessas iniciativas houve motivação de caráter econômico. Seus organizadores sempre estiveram atrelados ao poder público (Fundação Cultural de Curitiba e Secretária de Estado da Cultura). Entretanto, infelizmente, nenhum dos dois órgãos soube dar o devido valor a estas iniciativas, o que culminou na falta de sequência dos eventos.

Há que ressaltar, também que essas iniciativas nunca foram marginais. A afluência de público sempre foi muito grande e as propostas foram feitas na tentativa de vencer a inoperância dos órgãos públicos de cultura, em relação à fotografia, seja na parte da produção, da exibição ou da educação, mesmo que todos os eventos citados tivessem tido o apoio ou o patrocínio de órgãos públicos.

Tais ações, coordenadas pela área de fotojornalismo, foram fundamentais, no contexto cultural, para a difusão de novas produções e troca de ideias entre profissionais, pesquisadores e educadores. O panorama da fotografia em Curitiba mudou consideravelmente a partir dessas ações culturais. Novas formas de pensar e produzir imagens foram incorporadas ao labor dos profissionais e dos apaixonados por fotografia na cidade. A fotografia no Paraná nunca mais foi a mesma. Nem poderia ter sido diferente.

Referências

BETTEGA FILHO, Francisco. Linguagem fotográfica. In: FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **Catálogo da 1ª mostra de fotojornalismo do Paraná**. Curitiba: FCC, 1976.

BRAND, Jacques. Semana de fotografia: cidade de Curitiba. **Folha de Londrina**, Londrina, 9 jun. 1991.

ENCONTRO NACIONAL DE FOTOJORNALISMO, 7. 1989, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Arfoc/PR, 1989.

ENCONTRO NACIONAL DOS REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS, 6., 1988, Salvador. **Anais...** Salvador: ARFOC, 1988.

FALCÃO, Maria Edméa Saldanha de Arruda. **Catálogo da mostra fotosul**. Curitiba: Funarte, 1983.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES. **Comissão de seleção da fotosul: mostra fotosul**. Curitiba: Funarte, 1983.

GURAN, Milton. Linguagem fotográfica e informação. In: ENCONTRO DAS ASSOCIAÇÃO DE REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS E CINEMATOGRAFÍCOS, 15., 1998, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.

_____. **Mesa redonda – fotografia hoje**. Curitiba: Konexão Fotojornalismo & Comunicação, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAGALHÃES, Ângela; PEREGRINO, Nadja Fonseca. **Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo**. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

_____. **Catálogo da V semana nacional de fotografia**. Curitiba: Funarte. 1986.

PAIVA, Joaquim. **Olhares refletidos**. Rio de Janeiro: Dazibao, 1989.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

SUCESSO total da semana de fotografia. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 20 jun. 1991.

URBAN, Tereza; URBAN, João. Apresentação da mostra. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura. **Catálogo da 5ª Mostra de Fotojornalismo do Paraná**. Curitiba, 1981.

VASQUEZ, Pedro Karp. Apresentação. In: FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **Catálogo da 1ª semana de fotografia: cidade de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1991.